

cama

B  
mesa

Os olhares que os dois trocavam eram sempre intensos, embora às vezes nos olhos dele se insinuasse uma sombra de avidez, como se quisesse agarrar com o olhar a figura dela.

Eles se amavam, e isso era transparente para nós todos, os esfomeados que compartilhávamos as mesmas mesas, nas mesmas noites de ar infinito.

Só que eles dividiam juntos a resaca das manhãs, enquanto nós rolávamos solitários nas nossas tocas, ou acordávamos acompanhados por algum corpo equivoco, emerso da madrugada.

Acho que era nessas horas que mais pensávamos na diferença que havia entre nós e eles, embora nas jornadas etílicas essa diferença importasse pouco, se diluísse.

Curioso é que, embora arriscássemos vez por outra uma fugidia inveja em meio às frequentes resacas, todos ostentávamos a armadura de lobos solitários, combatentes das garrafas e dos copos, inadequados para o casamento e a convivência mais íntima.

Era mais ou menos isso o que acontecia entre nós e eles, naquela época; o que havia entre eles, para além da marcha dos bares, era um território de mistério, ocupado apenas pela nossa curiosidade eventual e nunca declarada.

Pois o tempo passou e o pequeno núcleo de combatentes noturnos, bêbados heróis de palavras inflamadas, se dispersou na luta mais concreta pela sobrevivência, cada um numa direção diferente.

Algumas vezes eu me lembrei do casal, sempre dessa forma: o casal. Revi algumas cenas ainda intactas entre o emaranhado de abstrações da minha memória comprometida pelo excesso de álcool. E essas cenas retratavam sempre a mesma imagem: o casal.

Outras vezes me perguntei porque eles seguiam firme na militância dos bares, quando tinham uma vida a dois para ser vivida. Perguntas que nasciam exatamente da imagem persistente que guardei deles: o casal.

Dia desses, quando uma saudade meio indelével daquelas noites antigas me levou de volta à mesma mesa de outros tempos, fui surpreendido por uma visão que custei a decodificar: na mesa do fundo, atrás de uma cerveja vazia, o casal da minha memória bebia sem gosto, reduzido apenas a uma das suas partes.

O que causou espanto, a princípio, foi que eu não me lembrava de jamais tê-los visto separados. Dai porque demorei a me decidir pelo cumprimento.

A conversa não foi fácil, como se fôssemos dois perfeitos desconhecidos que, no entanto, forçam assuntos que deveriam dizer respeito aos dois.

Algumas vezes mais tarde, ele começou a falar. E falou sem que eu me sentisse tentado a interrompê-lo. Falou por horas a fio, sempre no mesmo tom monótono de quem narra algo que presenciou e que não lhe diz respeito.

O que ele me contou, resumindo, foi que seu romance acabou junto com a debandada que marcou a nossa separação. E foi pelo que ele contou que pude entender a razão que levava o casal à nossa companhia.

Eramos, segundo ele, o alimento e a cola que mantinha unido e em funcionamento o casal.

Em nós eles bebiam a imagem da solidão, que tentavam afastar de suas vidas. De nós eles tinham o reflexo do outro lado do espelho: aqueles que, por temor ou por escolha, afogavam todas as noites suas naturezas melancólicas, enquanto tristemente louvavam como conquistas suas solidões.

Ali eles fortaleciam sua opção, enquanto de-finhávamos, numa espécie de vampirismo sentimental.

Quando se deu a diáspora, a referência negativa se foi. E o casal ficou obrigado a enfrentar a sua opção no espaço cada vez mais restrito da convivência diária.

Acabou logo o romance. Por falta de ar.

Quando perguntei se podíamos fechar a conta, a metade presente do antigo casal se descul-pou e disse que ficaria mais um pouco.

O último olhar que remeti à mesa da qual acabava de sair, me devolveu a imagem de um tempo passado, quando esperávamos até o derradeiro bocejo do garçon antes de empreender a jornada trôpega de volta à nossa solidão.

Depois lembrei que minha esposa já devia estar preocupada e arrastei meu cansaço para a chuva fina que caía, enquanto tateava a estranha ironia da situação que presenciara.

Sebastião Martins Interino

Camalins

# Ceces. Fenômeno cultural em Vitória

Continuo em pleno verão "vitoreânico". Concluí após 30 dias de muito sol, céu, mar azul e trabalho, que a precariedade de shows por estas plagas é enriquecedora. Como consequência, resolvi direcionar as minhas "antenas" às várias manifestações e "fenômenos" culturais aqui, de Vitória. Esta é a trilha que tenho seguido. Hoje, abrirei uma exceção e não abordarei nenhum "tema sonoro", como venho fazendo. Falarei da criação do Ceces — Centro de Estudos Cênicos de Espírito Santo, um projeto que visa incentivar o teatro capixaba.

Desde que aqui cheguei, a mulher de beleza marcante e traços definitivamente sensuais, tem chamado-me a atenção. Trata-se da atriz Alcione Dias. A sua presença e beleza a assimilam às "fame fatales". Uma mescla entre Joan Crawford e Fanny Ardant. Chocante. Se em outras terras Miss Dias habitasse, já teria sido elevada a condição de sex symbol. Glamour não lhe falta. Mas é aqui em Vitória que ela prossegue levando a bandeira da arte. Sua trajetória pelo teatro iniciou-se há quase 15 anos, desde então, por vários palcos ela tem brilhado incessantemente. Seu corpo, sua voz e talento já serviram de "carnais" para que inúmeros e fortes personagens se fizessem presentes. Endeusada por toda a classe teatral e demais "vanguardistas culturais", esta cult/star, em sua extensa folha de serviços prestados ao teatro, há um verdadeiro coquetel molotov de tendências. Tendo encenado desde Shakespeare, Sófocles, Gogol, Brecht até Martins Pena, Maria Clara Machado e vários autores da nova geração.

No cinema, a sua única performance foi no filme "Paraiso no Inferno". Joel Barcelos a dirigiu. Aqueles que a viram simplesmente enlouqueceram. A recente investida cultural de Alcione Dias foi a criação de um projeto destinado a viabilizar a implantação do Ceces. Órgão destinado a pesquisas de trabalhos teatrais capixabas e de todo o mundo.

No papel de coordenador/ra/autora deste importante e inédito projeto cultural, Alcione esclareceu sobre a implantação, disse: — A produção teatral capixaba, apesar dos 401 anos de existência, resente-se para viabilizar montagens, da disponibilidade de textos para pesquisas em livrarias e em acervos públicos, devido principalmente ao ineditismo dos autores. Aliado a esse fato, a presença do grande número de amadores e profissionais em vias de sindicalização, sem qualquer acervo no ramo, requer a implantação de um espaço físico para concentração, pesquisa, concepção e divulgação de autores capixabas e nacionais, em especial. Assim os esforços dos artistas cênicos capixabas, dos órgãos públicos e, especialmente, da Apatedes. O Ceces foi criado visando dotar o movimento cultural capixaba de um instrumento importante para a sua evolução e consolidação a nível profissional.

A implantação do Ceces ocorreu em julho de 86. O projeto está previsto inicialmente para o período de um ano de execução, podendo estender-se de acordo com os resultados obtidos. Segundo Miss Dias, em termos gerais, quando de sua implantação, o Centro de Estudos Cênicos do Espírito Santo objetivava: — Formar um acervo reunindo obras de autores diversos desde o teatro Anchieta até os dias atuais. Diminuir a dependência dos grupos capixabas, em relação aos grandes centros culturais nacionais, em termos de informação e pesquisa. Cadastrar e manter intercâmbio com autores e outros centros e/ou sociedade de autores. Divulgar textos através de leitura e exercícios cênicos de concepção e esboço de representação. Favorecer o desenvolvimento profissional nas diversas atividades técnicas teatrais, tais como: direção, iluminação, sonoplastia, cenografia, figurino e etc. E o objetivo primordial era e continua sendo ampliar as opções de lazer cultural para a comunidade em geral.

No papel de coordenador/ra/autora deste importante e inédito projeto cultural, Alcione esclareceu sobre a implantação, disse: — A produção teatral capixaba, apesar dos 401 anos de existência, resente-se para viabilizar montagens, da disponibilidade de textos para pesquisas em livrarias e em acervos públicos, devido principalmente ao ineditismo dos autores. Aliado a esse fato, a presença do grande número de amadores e profissionais em vias de sindicalização, sem qualquer acervo no ramo, requer a implantação de um espaço físico para concentração, pesquisa, concepção e divulgação de autores capixabas e nacionais, em especial. Assim os esforços dos artistas cênicos capixabas, dos órgãos públicos e, especialmente, da Apatedes. O Ceces foi criado visando dotar o movimento cultural capixaba de um instrumento importante para a sua evolução e consolidação a nível profissional.

a memória não pode sair de cena.

CECES - CENTRO DE ESTUDOS CÊNICOS DO ESPÍRITO SANTO  
DEPARTAMENTO ESTADUAL DE CULTURA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA GOVERNO JOSE MORAES

desenvolve e realiza seus objetivos sob os seguintes aspectos: 1º Através da montagem de Acervo. Bibliografia: Através do estabelecimento de convênios com a Sbat/Cenacem/Inacem; das campanhas de doações e aquisições de textos teatrais e, do levantamento em bibliotecas públicas e particulares de toda a dramaturgia capixaba. 2º Criando um esquema de atividades na comunidade que se processa assim: Formação dos grupos de leitura; campanhas permanentes de divulgação e cadastramento; realização de concursos de dramaturgia; publicação de autores inéditos e por fim, leitura aberta ao público em geral, uma vez por semana, com esboços de encenação, incluindo propostas para figurinos, cenários, sonoplastia e outros elementos cênicos. Perguntei a Alcione a respeito dos resultados obtidos durante os seis primeiros meses de trabalho. A "star" desta referida história respondeu: — Uma avaliação do desempenho do Ceces em seus primeiros meses de im-

Leitura da peça "Bodas de Sangue", no seminário de literatura que comemora o 50º aniversário da morte de Lorca. 3. Leitura do "Rei da Vela" e Exposição de fotos do Arena/Oficina e Opinião, por serem os grupos mais representativos do cenário teatral brasileiro. O Ceces promoveu uma exposição de fotos das principais montagens destes grupos. 4. Exposição 15 Anos de Teatro Capixaba. Através do levantamento de fotos, cartazes e programas de 1970 a 1985, o Ceces levou ao Rio de Janeiro este trabalho que teve também a presença da atriz, cantora e performer Eliza Lucinda. 5. Exposição 15 Anos Teatro Capixaba — Vitória. A convite do Ceces, o grupo Opus Tupiniquim, um dos mais importantes surgidos no Espírito Santo, dedicado à pesquisa e à busca de novas linguagens cênicas e coreográficas, apresentou-se na vernissage. Quais os imediatos projetos do Ceces para estes primeiros meses de 87? Alcione e sua equipe de trabalho pretendem mostrar aos paulistas e mineiros a exposição 15 Anos de Teatro Capixaba. A mesma exposição que tem causado um certo frisson por onde tem passado. Já está em desenvolvimento a criação de um banco de textos teatrais, onde serão catalogadas as variadas obras de autores capixabas. Outro grande projeto é a edição de um livro, cujo autor, o conceituado poeta e historiador Oscar Gama Filho, está narrando-nos a história do teatro romântico capixaba no século XIX. Neste livro em co-edição Ceces/Dec/Inacem, trabalham incessantemente e artista gráfica e plástica Adélia de Sousa e este livro que vos escreve. Somos os coordenadores editoriais. O lançamento aguardado por toda a classe cultural "vitoreana" está previsto para uma das primeiras noites de abril. Quanto à nossa persona principal de toda esta trama, a divina Alcione Dias, agora os projetos do Ceces, ela pensa em voltar brevemente aos palcos. Pedrinho Alves

cinema

# Começa o Desfile dos Melhores

Pathé, Roxy e Odeon iniciam simultaneamente a partir de hoje, a exibição dos melhores filmes de 1986, numa promoção tradicional que desde o ano passado passou a denominar-se Festival Paulo Arbex, num tributo ao inesquecível crítico mineiro. "Kaos", dos irmãos Taviani; "O Ano do Dragão", de Michael Cimino e "De Repente Num Domingo", de François Truffaut, abrem respectivamente nos cinemas Pathé, Roxy e Odeon essa retrospectiva que se estende até o dia 24. Abaixo a programação e as informações necessárias para você assistir ao Festival dos Melhores.

**PATHE** — Dias 11 e 12 "Kaos"; 13 e 14 "A Honra do Poderoso Prizzi"; 15 e 16 "A História Oficial"; 17 e 18 "O Ano do Dragão"; 19 e 20 "De Repente Num Domingo"; 21 e 22 "Ran"; 23 e 24 "Hannah e Suas Irmãs".

**ROXY** — Dias 11 e 12 "O Ano do Dragão"; 13 e 14 "A História Oficial"; 15 e 16 "A Honra do Poderoso Prizzi"; 17 e 18 "De Repente Num Domingo"; 19 e 20 "Kaos"; 21 e 22 "Hannah e Suas Irmãs"; 23 e 24 "Ran".

**ODEON** — Dias 11 e 12 "De Repente Num Domingo"; 13 e 14 "Ran"; 15 e 16 "O Ano do Dragão"; 17 e 18 "A História Oficial"; 19 e 20 "Hannah e Suas Irmãs"; 21 e 22 "A Honra do Poderoso Prizzi"; 23 e 24 "Kaos".



"O Ano do Dragão", um dos filmes que abrem hoje o Festival Paulo Arbex.

"Kaos", De Paolo e Vittorio Taviani. Versão de cinco contos de Pirandello na Sicília: "O Outro Filho", "Mal de Lua", "A Jarra", "Réquiem" e "Colóquio Com a Mãe". Com Oner Antonutti, Margarida Lozano, Franco Franchi e Ciccio Ingrassi. "RAN", de Akira Kurosawa. Uma adaptação livre de "O Rei Lear", de Shakespeare. Drama épico com uma genial meditação sobre o poder centralizado na tragédia de uma família que, ao receber a herança do pai, no Japão do século 16, inicia uma guerra fratricida. Interpretações de Tatsuya Nakadai, Akira Terao, Jinpachi

Nezu, Daisuke Ryn e Miekko Harada. "A História Oficial", de Luis Puenzo. O horror da ditadura militar argentina visto através da história de uma mãe adotiva que descobre que sua menina pode ser a filha de uma das muitas mulheres desaparecidas durante os anos de terror. Com Norma Alendro, Hector Alterio, Chela Ruiz e Chunchune Villafane. "A Honra do Poderoso Prizzi", de John Huston. Comédia "noir" sobre a Máfia nova-iorquina, com o próprio diretor brincando consigo mesmo (ele faz uma paródia de seu filme "Relíquia Macabra" — 1941) e denun-

ciando que existe algo de podre no reino americano dos negócios, os atores são Jack Nicholson, Kathleen Turner, Angelica Huston, William Hickey e Robert Loggia. "De Repente Num Domingo", de François Truffaut. O adeus de Truffaut ao cinema, num filme magnificamente fotografado em preto e branco e que presta homenagens aos filmes policiais antigos e a Hitchcock. Com Jean-Louis Trintignant, Fanny Ardant, Philippe Landenback, Caroline Shihol e Jean-Pierre Kalfon. "O Ano do Dragão", de Michael Cimino. Filme policial violentíssimo sobre um ex-combatente do Vietnã, ra-

cista e patriota que enfrenta a Máfia chinesa na Chinatown nova-iorquina. Elenco: Mickey Rourke, John Lone, Arine, Leonard Termo e Ray Barry. **AGRACIADO** Alberto R. Broccoli, consagrado produtor da série "James Bond", recebeu a insígnia da Ordem do Império Britânico, em reconhecimento à sua contribuição à indústria cinematográfica daquele país. Aliás, o 15º filme da série está sendo anunciado para breve nos cinemas de BH: "007 Marcado Para a Morte".

Flávio Orsini